

ADRIENE HENRIQUES DOMINGUES

CONGADO EM ALVINÓPOLIS

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - FAFICH

1º semestre de 2004

ADRIENE HENRIQUES DOMINGUES

## CONGADO EM ALVINÓPOLIS

Trabalho final apresentado ao curso de especialização em História da Cultura e da Arte da Universidade Federal de Minas Gerais, para a obtenção do título de Especialista em História da Cultura e da Arte

Professor Orientador: Adriana Romeiro

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - FAFICH

1º Semestre – 2004

#### Resumo:

Este artigo é fruto de uma pesquisa de pós graduação, tendo como viés principal a história cultural, em vista que esta abre múltiplas possibilidades para se compreender história cultural e não cultura popular, apropriação ao invés de dominação. Esse se torna o grande objetivo deste trabalho. A partir de então, o artigo apresenta um estudo sobre as manifestações culturais afro-brasileiras, tendo como ponto principal o congado na cidade de Alvinópolis, Minas Gerais, bem como suas origens, seus símbolos e seus significados para os moradores da cidade.

#### Abstract:

This paper is the result of a research of graduate studies, tending of a main idea cultural history, with the view to opening multiple possibilities in comprehending cultural history and not popular cultures, appropriation by culture instead donation. That is a main objective of this paper. Since then, this paper presents study about afro Brazilians manifestations, having as the main objective the congado in the city of Alvinópolis, Minas Gerais, as their origins, their symbols and their meanings for the population.

Palavras-Chave: História; Alvinópolis; Cultura; Afro-brasileiros; Congado; Hibridismo Cultural.

## 1. Análise historiográfica:

No período colonial brasileiro, brancos, negros, indígenas e mestiços fizeram parte de um mundo caracterizado pela pluralidade e pela mobilidade de tradições. “Tradições reforçadas e repetidas, mas também recriadas e adaptadas na Colônia, através dos contatos cotidianos entre esse grupos, suas diversas origens e seus diferentes posicionamentos sociais.”<sup>1</sup>

Era comum no cotidiano a mistura de etnias, tradições e práticas culturais. A mestiçagem marcava um mundo colonial que não poderia mais deixar de existir, pois, a partir da diversidade de etnias mescladas no Novo Mundo veio a dar origem a inúmeros grupos mestiços como os mulatos, pardos, cabras, caboclos, estes nascidos na Colônia, a partir do encontro entre mundos totalmente diferentes. Assim se conclui o hibridismo cultural como sendo o cruzamento de etnias, culturas, tradições, crenças, práticas religiosas, ritos dentre outras manifestações. O cruzamento interétnico, presente então no Brasil colonial, pode ter sido uma tendência de misturar heranças culturais diferenciadas (européias, africanas e indígenas) e a existência de uma resistência ao sincretismo (fusão de elementos culturais diversos, ou de culturas distintas ou de diferentes sistemas sociais).

Portanto prevaleceram no cotidiano da Colônia as trocas culturais e os contatos entre povos de diversificadas regiões (origens), desde a descoberta do Novo Mundo. A partir do século XVIII, Minas Gerais assume inelutável importância no cenário histórico brasileiro, em virtude do grande número de pessoas que, advindas dos mais diferentes pontos da colônia, se estabelece na região das minas. Esta fixação se deveu particularmente à “febre do ouro” e estes diversos faiscadores transpõem obstáculos na busca do enriquecimento rápido. São, em sua maior parte, aventureiros dispostos a arriscar o pouco que tem em uma empreitada audaciosa. Este rápido crescimento populacional na região trouxe também um enorme contingente de mão de obra escrava, semeando as raízes negras na cultura da então região das minas. A priori, esta necessidade de mão de obra foi suprida pelo tráfico interno, a despeito das proibições metropolitanas que tentaram limitar sem sucesso o deslocamento

---

<sup>1</sup> PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: UFMG, 2001

dos escravos advindos do nordeste para a região mineradora. Diante deste estouro, a região passa a ter gente de diversos locais, o que leva a um hibridismo cultural. Nos cento e cinquenta anos de exploração escrava na região, desde 1700 a idos da década de cinquenta do século XIX, entraram no território mineiro mais de 160 grupos africanos podendo citar entre eles os Angola, Benguelas, Cabindas, Congos, Dahomeyanos, Fulas, Gegês , Haussás, Mandingas, Tapas, Nagôs, Yorubás, Moçambiques e os Minas-yorubanos ou Negros-Mina.<sup>2</sup>

O século XVIII na região mineradora as manifestações sincréticas se tornaram latentes, como batuques, cantos e folguedos. Era prática comumente difundida entre os negros, em especial os genericamente denominados Bantos, a associação entre os santos e os reis e rainhas, atribuídos de funções guerreiras, que remontavam suas origens em diversas regiões da África.

Tendo em vista o rigor religioso praticado pelos portugueses na colônia, causa um certo estranhamento de as festas negras, causarem poucos conflitos com o “mundo europeu”. Essa confusão trazida às ruas, essa miscigenação entre práticas católicas aos reis e às danças pagãs. Tudo era permitido pela sociedade, causando pouco estranhamento. Isto pode ser explicado pela própria origem miscigenada da religiosidade portuguesa, entre romanos, muçulmanos e judeus, o que inseriu na cultura portuguesa uma necessidade festiva, suprida, em parte, por estas festas nem tão religiosas e nem tão pagãs. Estas festas não eram exatamente permitidas e livres. Esta liberdade era de certo modo assistida. Os ritos e os batuques apavoravam os religiosos e os senhores. O caráter sobrenatural existente nestas manifestações e que remontavam à terra natal, tinham de ser de perto observados, uma vez que poderiam proporcionar resistência e feitiçaria. Seria então uma forma de aglomerar estas diferentes origens africanas presentes, tendo em vista que estas manifestações envolviam vários grupos marginalizados e empobrecidos da população mineira setecentista.

---

<sup>2</sup> REIS, Liana Maria. Colonizadores, Africanos e Escravidão: Representações e Identidades nas Minas Gerais do Século do Ouro. In: *1500/2000 Trajetórias* org. Unicentro Newton Paiva, 1999. P.70

Segundo Liana Reis, no brilhante artigo “Colonizadores, Africanos e Escravidão: Representações e Identidades nas Minas Gerais do Século do Ouro”<sup>3</sup>, os termos índios e africanos são construções feitas pelo europeu colonizador, este com o interesse de dominação sobre esse povos, não levando em conta as diferenças étnico-culturais na composição dos grupos.

No século XVI, quando tem início o efetivo processo de colonização do Brasil, os relatos escritos por cronistas, viajantes, religiosos, administradores e traficantes sobre os africanos, eram carregados de preconceitos e tendiam à homogeneidade étnico-social dos inúmeros povos que habitavam o imenso continente africano.

O termo negro não fazia menção exclusivamente à cor da pele e sim à sua condição de inferioridade, imposta pelos elementos europeus. Podiam, portanto ser estes “negros” elementos, oriundos da África ou não, mas que possuíam, em primeira instância, características de “barbárie” ou “inferioridade”.

Estudar sobre as festas afro-brasileiras se torna muito fácil e abrangente quando não se tem por objetivo trabalhar só e necessariamente com historiadores, pois este tema é grandiosamente explorado por folcloristas, viajantes naturalistas e antropólogos, que retratam as festas como acontecem contando passo a passo, e além do mais tratando como folclore as manifestações culturais. Serão enumeradas algumas festas afro-brasileiras encontradas em obras de escritores que retratam as manifestações culturais como folclore brasileiro, tentando estabelecer paralelos entre estes folcloristas e os historiadores.

As festas foram descritas por folcloristas e estudiosos de outras áreas como a antropologia e a literatura popular, após suas observações dos festejos. Os viajantes também contribuíram e muito nestas descrições pormenorizadas das roupas e danças, dos costumes e da aceitação popular destas festas. O processo histórico indicado por estes estudiosos, limitava-se unicamente ao campo das afirmativas gerais, sem, contudo, aprofundamento maior.

---

<sup>3</sup> REIS, Liana Maria. Colonizadores... Op.cit

Podemos identificar um primeiro grupo de trabalhos que abordam estes festejos, obras de viajantes, memorialistas, literatos e juristas, buscando nas festas os fundamentos étnicos e raciais da nacionalidade brasileira. Silvio Romero<sup>4</sup>, Mello Moraes Filho<sup>5</sup>, Nina Rodrigues<sup>6</sup>, entre outros juristas e literatos tiveram grande contribuição no começo dos estudos sobre estes festejos.

Inúmeros viajantes que exploraram cientificamente as Minas do Ouro eram excelentes observadores da vida social e da família brasileira, tendo fornecido subsídios importantes no que concerne ao cotidiano das festas e das representações religiosas difundidas na região, bem como da inserção destas festas e de seus aspectos culturais no dia a dia das famílias mineiras. Podem ser citados Saint-Hilaire<sup>7</sup>, em suas várias obras que abordam a região, Mawe<sup>8</sup>, Richard Burton,<sup>9</sup> Rugendas<sup>10</sup>, Eschwege<sup>11</sup>, o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua obra<sup>12</sup>, Spix e Martius<sup>13</sup>, entre outros, que apesar de não voltarem suas obras especificamente sobre as manifestações culturais e festas afro-brasileiras, são de grande valia no que dizem respeito ao entendimento destas. A partir dos detalhes narrados por estes naturalistas, estas manifestações culturais tornam-se de mais fácil entendimento. Podemos citar

---

<sup>4</sup> ROMERO, Silvio *Folclore Brasileiro: Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

<sup>5</sup> MORAES FILHO, Mello. *Festas e Tradições Populares* 3ª ed. Rio de Janeiro, Briguet, 1946. 1ª edição em 1893.

<sup>6</sup> RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.

<sup>7</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo*. São Paulo: USP, 1974. (Reconquista do Brasil 1).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. São Paulo: USP, 1974 (Reconquista do Brasil II).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: USP, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. São Paulo: USP, 1974. (Reconquista do Brasil).

<sup>8</sup> MAWE, John. *Viagem ao Interior do Brasil*. Trad. Selena Benevides Viana, Itatiaia; São Paulo, Ed. USP; 1978.

<sup>9</sup> BURTON, Richard Francis. *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Trad. David Jardim Jr. Belo Horizonte, Itatiaia, Ed. USP, São Paulo, 1977.

<sup>10</sup> RUGENDAS John Mortiz. *Viagem pitoresca através do Brasil*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

<sup>11</sup> ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig. *Pluto Brasiliensis*. Trad. Domicio de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979

<sup>12</sup> WIED NEUWIED, M. *Viagem ao Brasil*. Cia Ed. Nacional, Coleção Brasileira, São Paulo, 1940.

<sup>13</sup> SPIX, J. B. & MARTIUS, C. F. P. *Viagem pelo Brasil*. Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1976.

Spix e Martius, em relato intitulado "Viagem pelo Brasil" além de Kidder, em sua obra "Reminiscência de viagens e permanência no Brasil" que concordam com a conivência dos governantes no que diz respeito a estas festas, assunto já abordado anteriormente.

Em um segundo momento, a partir da década de 20 e 30 do século XX, estas festas se tornam objeto de estudo de cientistas sociais. Estes sociólogos e antropólogos dão um caráter mais acadêmico ao tema.

Os estudiosos de antropologia e os cientistas sociais na grande maioria, quando estudam aspectos da vida popular, preocupam-se em conhecer o mais perto possível esses elementos. Procuram conhecer também as condições de vida e os esquemas do pensamento dessas pessoas.

Autores de formação antropológica como Gilberto Freyre<sup>14</sup> procuram sempre diferenciar os conceitos de raça e cultura, discriminando entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e do meio em que vivem. Os principais pilares desta obra se alicerçam na diferenciação fundamental entre raça e cultura, assim como da hereditariedade de raça e hereditariedade de família.

As festas espalhadas por todo o Brasil, cada uma apresenta a sua característica com seu ritual religioso, dependendo da tradição cultural recebida por seus antepassados e recriada pelos atuais receptores.

A antropóloga Lilia Moritz Schwartz<sup>15</sup>, descreve as festas negras como parte de uma extensa luta pela autonomia e pelo reconhecimento cultural, cravada pelos escravos nos quatro séculos de escravidão. Analisa também os símbolos e seus significados, sem adentrar, portanto em suas origens ou raízes. Para Schwartz, o negro frente a sua situação de cativo, não se manteve indiferente à situação, pelo contrário, souberam conquistar o seu espaço cultural.

Outros autores também se destacam neste universo antropológico e sociológico das festas, como Florestan Fernandes<sup>16</sup>, Lavinia Costa Raymond entre outros. Suas preocupações se voltam, grosso modo, ao impacto sobre as

---

<sup>14</sup> FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 40ª ed. Record, Rio de Janeiro, 2000.

<sup>15</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Negras Imagens*. São Paulo, Estação Ciência, 1996  
SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo, Companhia das letras, 1993.

<sup>16</sup> FERNANDES, Florestan. *O Folclore em Questão*. São Paulo: Hucitec, 1978

culturas tradicionais dos processos de rápida urbanização, na mestiçagem, no sincretismo e na adaptação “estrangeira” às manifestações culturais locais.

Os estudos históricos das festas têm uma forte impulsão a partir dos anos setenta, com a chegada da Nova História, objetivando um estudo mais voltado aos acontecimentos, pregando uma abordagem de cunho antropológico destes fenômenos coletivos e a politização da vida cotidiana.<sup>17</sup>

## 2. Primórdios de Alvinópolis:

Já nas primeiras décadas do século XVI, o sucesso da expedição de Manoel Garcia, seguida dos exploradores Antônio Dias e Pe. João de Faria Fialho, com a descoberta de ouro estimularam a exploração de matas e águas vertentes do ribeirão do Carmo e dos rios Guaxalo (do norte e do sul) que resultaram em novas e ricas descobertas do cobiçado metal.

Entre 1696 e 1697, um grupo de desbravadores, chefiados por Paulo Moreira da Silva atingiu as terras do vale do rio do Peixe. Sendo fecunda a terra e rica em madeiras de lei, variadas espécies de caça e muito peixe, motivou os desbravadores a ali permanecerem, iniciando novo aglomerado nas divisas com a fazenda do rio do peixe, de propriedade de Leonel de Abreu Lima. Paulo Moreira ocupou e legitimou uma fazenda junto da qual novos forasteiros vieram a ocupar e cultivar glebas de terra, improvisando um acampamento que crescia à medida que acorriam novos moradores.

Esse acampamento foi útil no combate aos “ferozes” Botocudos do rio Doce, senhores da região e que traziam grandes prejuízos aos que tentavam se fixar naquelas paragens.

*“Convém saber que também nessa mesma época em que o país do norte do Carmo se povoava, e se erigiam os opulentos arraiais primitivos, os dois franceses Cláudio Gauon e Bento Fromentiére colonizavam o Gualaxo do Norte, e logo mais abaixo deles estabeleciam-se Sebastião Rodrigues da Gama, Antônio Gesteira e Paulo Moreira da Silva. A Capela de Nossa Senhora dos Remédios<sup>18</sup>(sic), que este fundou, serviu de berço ao povoado*

---

<sup>17</sup> Cf. KANTOR, Íris & JANCÓS, István (org.) *Festa: Cultura e sociabilidade na América*. São Paulo: Hucitec, 2001.

<sup>18</sup> O nome da capela que se conserva a té hoje é Nossa Senhora do Rosário e não Nossa Senhora dos Remédios como citado.

*que hoje tem o nome de Alvinópolis, arraial que, em outros tempos, foi útil e serviu de fortaleza para conter os selvagens ferozes do rio Doce.*<sup>19</sup>

O desenvolvimento agropecuário da região possibilitou a Paulo Moreira e sua mulher a construção de uma capela em sua fazenda, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário.

*“Capela erigida na Fazenda do Rio do Peixe, com a invocação de Nossa Senhora do Rosário, pelo capitão Paulo Moreira da Silva por provisão de 20 de julho de 1754.*

*Em 29 de agosto do ano seguinte teve a capela concessão da pia batismal. O mesmo capitão e sua mulher Maria Paula da Silva lhe fazem patrimônio por escritura de 26 de agosto de 1775.*

*Em 1801 o alferes Manoel José Ferreira, novo proprietário das terras dentro das quais se levantara a Capela – por esse tempo ameaçada de interdito por lhe haverem usurpado o patrimônio – lho constituiu formalmente por escritura de 2 de novembro. Essa doação foi ratificada pelo seu herdeiro José Pinto Ferreira em 29 de julho de 1824.*

*Essa capela era filial do Inficionado.*

*O capitão Paulo Moreira teve na fundação da Capela um sócio – O Capitão Manoel Antônio Rodrigues.”*<sup>20</sup>

Constituído o patrimônio eclesiástico por escritura pública de 26 de agosto de 1775, mediante doação feita por Paulo Moreira e sua mulher, foi elevada à categoria de Curato, filiada à Igreja do Inficionado.

A capela foi desmembrada do Inficionado, de São Caetano e de Barra Longa pelo decreto de 14 de julho de 1832 e foi instituída canonicamente a 29 de julho de 1833 tendo por vigário encomendado o Pe. Antônio de Abreu e Silva.

Estava criado o arraial de Paulo Moreira, hoje cidade de Alvinópolis, no local onde se encontra atualmente a parte alta da cidade, com o cemitério, a Igreja Matriz e ruas circundantes.

### 3. Fé e Tradição:

Após este breve histórico da cidade, adentraremos no tema proposto. Alvinópolis e seu Congado será o principal assunto abordado neste artigo,

---

<sup>19</sup> VASCONCELOS, Diogo. *História Média das Minas Gerais*. Itatiaia, Belo Horizonte, 1999, p. 156

<sup>20</sup> TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Ministério da Educação e Saúde - SPHAN, Rio de Janeiro, 1945. Public. 13. p. 217

podendo, se necessário, transpor barreiras geográficas ao fazer comparações diante das outras localidades do Novo Mundo, objetivando trazer exemplos esclarecedores para estes estudos.

Antes de adentrar propriamente no quesito “congado”, faz-se necessário esclarecer alguns pontos que são de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho. O primeiro ponto será esclarecer este universo cultural, expressão cheia de múltiplos significados e variadas possibilidades. É uma espécie de duplo significado, pois é construído por intervenções dos vários grupos sociais, que se chocam continuamente.

A historiadora Marina de Melo e Souza<sup>21</sup>, relata as origens das festas afro-brasileiras, como estas eram construídas, bem como suas modificações estabelecidas no Brasil, advindos do encontro cultural, traçando o processo histórico que constituiu as festas de coroação do rei congo, privilegiando o hibridismo, o encontro destas culturas tão diferentes, produzindo, dentro de um contexto de dominação social, um espetáculo cultural mestiço.

É importante ressaltar que, nos primeiros anos de colonização as religiões de origem africana, se valeram de uma “revolução passiva”, de uma “resistência calada”, como movimento do povo oprimido e das “classes menos valorizadas”. Torna-se primordial ser observado, que no Brasil atual, estas religiões não são mais exclusivamente de negros e das “classes menos valorizadas”. Elas abrangem populações de todos os patamares, níveis e cor de pele, embora seus ocupantes ainda pertençam a categorias e grupos que lhes deram origem; No caso do Congado de Alvinópolis, há uma verdadeira mistura, todos tem a liberdade para participar da festa, indiferente de classe social ou cor de pele. Na cidade, ocorre uma mobilização quase que total em virtude da grande festa de Nossa Senhora do Rosário. Todos participam ativamente com um único intuito, a devoção à santa, existindo um enorme direcionamento para a fé que é depositada na grande padroeira do congado alvinopolense.

---

<sup>21</sup> SOUZA, Marina de Melo e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Segundo nos contam Cristina Ávila e Maria do Carmo Andrade<sup>22</sup> umas das estratégias usadas nas Minas do período colonial e que garantia a sua especificidade em relação às demais colônias, era a que destacava a religiosidade, proibindo a entrada e a fixação de religiosos no território mineiro.

A religiosidade mineira colonial possuiu como característica o fato de existirem na capitania apenas ordens terceiras e irmandades, tendo sido instauradas a partir da iniciativa de seus próprios devotos. Estas, surgidas no século XVIII nas Minas, ocuparam um lugar de destaque na sociedades, tendo sido responsáveis pela construção das primeiras capelas, erigidas nos primeiros povoados, além de terem sido as responsáveis por realizações de festas e dos ofícios religiosos, tornando-se possível um catolicismo laical e apresentando uma religiosidade que é praticada, ainda em nossos tempos em algumas regiões de Minas.

Segundo afirma José Ferreira Carrato, não seria possível escrever a história de Minas sem a história de suas Irmandades, em qualquer campo que se pretenda aventurar-se. É natural encontramos ainda hoje cidades mineiras que as associações religiosas continuam exercendo a mesma função de perpetuadoras ativas das festas e rituais religiosos.

No entanto é interessante ressaltar que a cidade mineira de Alvinópolis não se enquadra nas regras da maioria das outras cidades de Minas, em que as irmandades atuavam diretamente nas questões sociais, como se pode observar em um fato comentado com bastante orgulho pelo Padre José Marciano de Aguiar. Este, nascido em Mariana, estudou no Seminário de sua terra natal, sendo ordenado Sacerdote e designado Vigário na freguesia de Paulo Moreira.<sup>23</sup>

A população alvinopolense bem centrada organizou-se com o intuito de construir a nova igreja matriz, sendo o padre José Marciano o dirigente da empreitada. Este detinha o poder de decisão centrado em suas mãos, tendo em vista que na ausência de uma irmandade era o pároco quem administrava sem ter que dividir o seu poder com mais ninguém, sendo de seu interesse a

---

<sup>22</sup> Ávila, Cristina; Gomes, Maria do Carmo Andrade. O Negro no Barroco Mineiro: o caso da igreja do Rosário de Ouro Preto. In: "Revista do Departamento de História n° 6" Departamento de História - FAFICH/UFMG: CNPq: 1988

<sup>23</sup>GOMES, Joaquim Vicentino. Confronto passado e presente. "O PROGRESSO", Alvinópolis, 1988.

perpetuação desta condição pois, na existência de uma irmandade, ele perderia parte de seu poder.



Foto: Mariana M. Moreira. Arquivo Passad

Igreja Matriz – Alvinópolis M.G.

Os escravos brasileiros, originários da África, embora tenham trazido de seus grupos étnicos de origem suas próprias crenças e rituais, foram aos poucos assimilando crenças do catolicismo. No processo de assimilação, entretanto, muito dos seus valores foram preservados, como as imagens dos mitos anteriores associadas aos santos. Este sincretismo religioso traz os aspectos das suas culturas originais para a nova condição religiosa. A própria maneira de ser, o gosto pela música, pela dança, pelos panos coloridos, contrastava radicalmente com os rígidos padrões da igreja católica da época.

*“Alguns autores consideram que, nesses eventos, [congados] os negros expressavam sua visão de mundo, utilizando-se das práticas religiosas cristãs como forma de atenuar a violentação das tradições africanas imposta pela escravidão e como oportunidade de um (re) enraizamento da tradição, com o emprego de roupas, danças, cantos e o culto a entidades africanas. No mesmo espaço público onde eram submetidos a castigos corporais, os escravos poderiam se transformar em reis, o rei do Congo, ou em membros da sua corte.”<sup>24</sup>*

Segundo o jornalista Carlos Felipe e o designer Maurizio Manzo<sup>25</sup>, se faz necessário esclarecer uma confusão que possa existir entre alguns folguedos principalmente sobre alguns títulos parecidos que são eles: Reisados, reinados e impérios.

<sup>24</sup> VAINFAS, Ronaldo. Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Objetiva: Rio de Janeiro: 2000. p.234

<sup>25</sup> FELIPE, Carlos; MANZO, Maurizio. *O Grande Livro do Folclore*. Belo Horizonte: Ed. Leitura, 2000.

Reisados é aplicado a folia de reis, que trás na recordação os três Reis Magos Gaspar, Belchior e Baltazar.

Reinados são festas e danças ligados a Nossa Senhora do Rosário. Estes grupos apresentam sempre seus reis como devotos da Virgem Maria. Deste modo reproduzem na cultura popular tradições que salientam a importância de Reis e Rainhas em suas vidas.

Impérios - a festa é dedicada à devoção ao divino em que o imperador comanda a corte do divino, é a conhecida folia do Divino ou folia de reis.

Já Glaura Lucas<sup>26</sup> em os Sons do Rosário esclarece que as especificidades regionais e as modificações ocorridas no decorrer dos anos levaram a diferenças de uso e sentido envolvendo os termos Congos, Congados e Reinados.

Mário de Andrade<sup>27</sup> lembra que Congos, Congada ou Congado, Cucumbi e Maracatu eram de uma mesma origem, ambos advindos dos cortejos de coroação de reis.

*“E em Minas Gerais, hoje, Congo refere-se a um dos grupos, ou guardas, de devoção a Nossa Senhora do Rosário e outros santos. Candombe, Moçambique, Vilão, Marujos, Catopés e Caboclos são outras guardas que festejam o rosário de Maria nesse Estado. Em Belo Horizonte, Congado tornou-se o termo coletivo mais abrangente que designa a festa religiosa de que participam as guardas acima, estejam elas reunidas ou não em Irmandades, vinculadas ou não a um Reinado.”<sup>28</sup>*

A Congada é a festa que tem maior propagação nas Minas Gerais, fazendo parte dos festejos em devoção a Nossa Senhora do Rosário. Esta festa advém da união entre tradições e ritmos africanos com crenças e cantos cristãos. O congado reúne diferentes grupos. Há o Congo propriamente dito, os marujos ou marujadas o Moçambique o Catopé em Minas Gerais, Candomblé, Caboclinho, e o Rei do Congo no Rio de Janeiro, o Ticumbi ou Cucumbi no Espírito Santo o Vilão e o Caiapó no Sul de Minas e Norte de São Paulo.

---

<sup>26</sup> LUCAS, Glaura. *Os Sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

<sup>27</sup> ANDRADE, Mario de. *A Arte Religiosa no Brasil*. São Paulo: Experimento, 1993.

<sup>28</sup> LUCAS, Glaura. *Os Sons do Rosário... op. Cit p.20*

Estas festas assumem cada vez mais seus ares religiosos, com forte adoração a santos cristãos. Nossa senhora do Rosário, padroeira dos congadeiros, São Bendito e Santa Efigênia recebem maior adoração.

Segundo Eduardo Hoonart o catolicismo colonial desenvolveu-se de forma muito peculiar, apresentando três características principais, interessando-nos uma, a...

*"(...)originalidade, pois era, em sua maioria, formado por "pretos, mulatos e mestiços", que viviam a religião católica de maneira própria, com pouca influência da Igreja romana."*<sup>29</sup>

Os escravos brasileiros, oriundos da África, embora tenham trazido de seus grupos étnicos de origem suas próprias crenças e rituais, foram aos poucos convertidos ao catolicismo. No processo de assimilação, entretanto, muito dos seus valores foram preservados, como as imagens dos mitos anteriores associadas aos santos. Este sincretismo religioso traz os aspectos das suas culturas originais para a nova condição religiosa. A própria maneira de ser, o gosto pela música, pela dança, pelos panos coloridos, contrastava radicalmente com os rígidos padrões da igreja católica da época.

*"Alguns autores consideram que, nesses eventos, [congados] os negros expressavam sua visão de mundo, utilizando-se das práticas religiosas cristãs como forma de atenuar a violentação das tradições africanas imposta pela escravidão e como oportunidade de um (re) enraizamento da tradição, com o emprego de roupas, danças, cantos e o culto a entidades africanas. No mesmo espaço público onde eram submetidos a castigos corporais, os escravos poderiam se transformar em reis, o rei do Congo, ou em membros da sua corte."*<sup>30</sup>

Existem mais de uma centena de nomes para a Virgem Maria. Suas denominações estão relacionadas às aparições e aos milagres da Santa em todo o mundo. O culto à Virgem Maria foi ganhando, ao longo dos anos, características particulares de acordo com as culturas das regiões por onde floresceu. Ainda que tenha vários nomes e se manifeste de diferentes maneiras, Maria é uma só.

*"Na Europa, a partir do século IX e, mais tarde, em outras partes do mundo, intensifica-se o culto à Virgem Maria e às suas inúmeras variações baseadas em atributos, grupos de proteção e em regiões onde teria aparecido. (...) A imagem ao culto mariano era de uma*

<sup>29</sup> Hoonart, apud Vainfas. Op. Cit. p. 111

<sup>30</sup> VAINFAS, Ronaldo. Dicionário do Brasil... op.cit: p.234

*mulher pia, virtuosa protetora, materna, contrárias às representações e às figurações mentais associadas a Eva, da qual, como insiste em nos lembrar a antiga ainda muito conhecida e recitada oração Salve Rainha, somos “degradados filhos”. Da Virgem Maria descende o Salvador e não os pecadores.”<sup>31</sup>*

Nossa Senhora do Rosário apareceu para São Domingos, ensinando os fiéis a rezar o rosário, daí o seu nome. A oração também foi recomendada por Nossa Senhora, nas aparições em Lourdes e Fátima. A celebração da sua festa, em 7 de outubro, convida a todos para a meditação dos mistérios de Cristo, guiados pela Virgem Maria, associada à Encarnação, Paixão e Ressurreição do Filho de Deus.

O terço ou rosário é uma oração que nasceu da crença em Nossa Senhora, na Idade Média. O Papa Pio V incentivou a prática da recitação do rosário, tendo esta se tornado umas das mais populares manifestações da fé católica.



Foto: Marilda M. Moreira. Arquivo Pessoal

Imagem de Nossa Senhora do Rosário – Alvinópolis - MG

É na cultura da Festa que sagrado e profano se misturam. Existem festas religiosas e não-religiosas, mas pode ser observado uma interação entre o sagrado presente na festa e a festa presente no sagrado.

---

<sup>31</sup> PAIVA, Eduardo França. *História e Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica: 2002

O hibridismo cultural está presente na forte marca europeia, com rituais típicos como, por exemplo, o levantamento de mastro característico da Europa, para pendurar enfeites de papel ao som de cânticos, no objetivo de obtenção de uma abundante colheita, cantigas de ladainhas em latim, coroação de Nossa Senhora entre outros, podemos analisar que existe uma variação de valores africanos e portugueses.

#### 4. A história que os participantes congadeiros alvinopolenses conhecem:

Este artigo tem o objetivo de clarear a linguagem, de entender seu significados e suas práticas. Portanto torna-se de um estudo frágil por ser realizado a partir de fontes transitórias e de entender o universo simbólico expresso no ritual da festa.

Uma festa carregada de simbolismo portadora de um fenômeno social e mental, existindo variadas faces que pretendemos compreender e contextualizar para chegar a um entendimento.

A história da religiosidade vivida no congado e a sua formação histórica podem ser entendidas a partir dos relatos do Rei do Congo Sr. José Teodoro Barcelos, ou como é conhecido "Seu Barcelim" ao relatar a importância da festa e como eles conhecem a história do aparecimento da Imagem de Nossa Senhora do Rosário.

*"Foi meu pai que contava, ele foi capitão do congo antigamente, todo mundo dizia pra ele que quando ela apareceu foi dentro de um buraco numa pedra aí os homi dum lugar na África chamado Congo que encontrô ela fizeram uma capela pra ela fica lá. Mais toda vez que eles ia lá vê a Santa ela não estava mais lá ela voltava para o mesmo luga donde eles encontraram ela. Então esse povo fez uma capela para ela donde ela queria e eles os negros que achô ela que ela tinha vindo pra salvá eles. Então eles começou a i lá pra vê Santa toda veiz.*

*O povo de outro reino da desse luga longe os povo de Aruanda viu aquilo e quiseram i lá também para vê a Santa, foi então que começo tudo. Foi feita uma grande batanha entre os dois luga os negro do Congo não queria que os negro de Aruanda invadissem o seu reino pois então que eles*

*começaram uma batanha muito violenta e ai eles ficaram brigando para os nego de Aruanda não invadi o lugar dos nego do congo.*

*Mais então foi quando os dois rei resolveu se encontrá pra resolve o que ia faze, pois tava tendo bataia demais, foi então que o rei do Congo recebeu o de Aruanda ai eles resolveram que a Santa veio pra salva o povo negro do Congo e Aruanda.*

*Então quando eles viraram escravo e vieram pro Brasil trabaiá, os que veio começaram a fazer tudo o que tinha acontecido lá na África inclusive a bataia que acontecia entre os dous povos pois então eles continuaram toda a festa pra Santa que apariceu pra salva o povo negro.*

*E aí a festa continua ate hoje com alguma mudança porque tudo mudifica um pouco mais todos ainda acredita que Nossa Senhora do Rosário é nossa padruera e ela apareceu para nos ajudá até então é assim que a gente conhece a história e que a gente conta pros mais novo que esta se achegando”.*

#### 5. Festa e devoção:

Sem desconhecer a infinidade de informações que denotam todo o decorrer da festa apresentada, a composição do ritual, as letras de músicas cantadas em que os componentes contam toda a história, a novena, a procissão, a liturgia, enfim toda a festa passo a passo. É necessário registrar que este artigo é apenas um passo de uma caminhada a ser realizada, não havendo nenhuma parte que opere na perspectiva que pretendeu fazer manifestação de um povo um objeto de análise capaz de esgotar-se.

Neste sentido optou-se por descrever a festa de maneira breve e tomando maior cuidado no que tange à compreensão dos significados mais penetrantes da Festa Nossa Senhora do Rosário, fator que buscará entender sua significação simbólica da imagem para os integrantes do Reinado e também sua importância para a comunidade Alvinopolense em cultivar essa tradição.



Altar da Igreja Matriz com as bandeiras dos Congados da região

Foto: Marilda M. Moreira: Arquivo Pessoal

Para os congadeiros alvinopolenses, a festa do Rosário é um dos períodos mais importantes para suas vidas, caracterizando a agitação máxima da devoção do amor à Grande Mãe. Existem dois grupos claramente distintos: as guardas do Congo e Aruanda. Apresentação das guardas são miticamente demonstradas através de variados princípios fundamentais, a função de cada participante, a constituição mítica, o vestuário em duas cores distintas o rosa e o azul, o uso de instrumentos específicos, a maneira de como se movimentam e a forma como dançam, a linguagem dos cantos e sua maneira de transmitirem a história do congado alvinopolense através desta.



Congado de Alvinópolis – Detalhe das roupas azuis e rosas, simbolizando Aruanda e Congo

Foto: Marilda M. Moreira: Arquivo Pessoal

Explorando a sua fundamentação mítica, as guardas se constituíram ainda na África, quando a imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu em uma fresta de uma pedra. O grupo do Congo se locomoveu até a pedra, de posse de seus batuques, cantaram em agradecimento a aparição da imagem.

Então vieram os negros de Aruanda também batendo em seus tambores, para poderem entender o que se passava no reino do Congo.

A partir de então é travada a batalha entre esses dois reinos, Congo e Aruanda. Após o confronto, os dois reis resolveram entender o porque da invasão ao reino do Congo. Diante do entendimento ambos uniram-se para a consagração a Imagem de Nossa Senhora do Rosário.

O vestuário encontra-se ligado à estrutura do mito. Os Arundas usam a cor azul cabendo ao rosa aos Congos. Indo adiante, o Congo anuncia a chegada dos filhos do Rosário, abrindo caminho para que este se aproxime.

No movimento da dança acontece entre idas e vindas dos dois grupos, esta se apresenta de forma saltitante, marcada pela ginga e pelos cruzamentos de pernas, com deslocamentos laterais.

A diferenciação que distingue o Congo do Aruanda é a linguagem dos cantos. Cantam em memória a África, em adoração à padroeira. O grupo com total criatividade tenta recriar através do canto, passagens que relembram a batalha criada por seus antepassados.

A festa acontece dentro de um ambiente mágico dando liberdade ao inconsciente coletivo e a memória contempla os seus primórdios.

O congado alvinopolense trata-se de uma festa arraigada de hibridismo cultural, é possível encontrar participantes de quase toda a comunidade indiferente da cor da pele, cultura, situação financeira e social ou até mesmo religião. Em uns dos momentos, podemos notar tal hibridismo. É a partir da participação dos párocos, tendo em vista que estes se utilizam dos adereços utilizados pelos congadeiros, nas missas são cantadas as músicas do congado e todo o ritual é respeitado e apropriado na hora em que a missa é rezada nos dias sete e oito do mês de outubro é rezada uma missa conga a igreja é toda enfeitada com motivos do congado, esta se apropriando dos variados rituais que compõe o ritual africano.

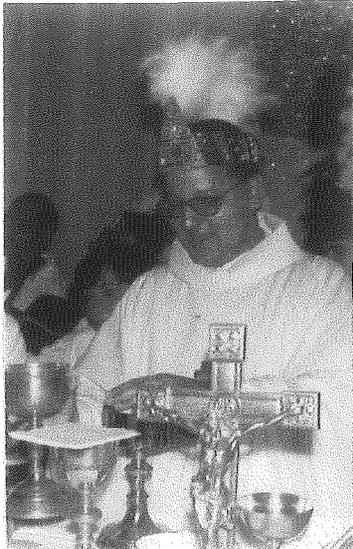


Foto: Marilda M. Moreira: Arquivo Pessoal

Pe. Hederaldo celebrando a missa conga



Foto: Marilda M. Moreira: Arquivo Pessoal

Matriz de Nossa Senhora do Rosário – Alvinópolis M.G

A grande maioria da população se une no intuito da devoção à Grande Mãe de todos Nossa Senhora do Rosário. Através de relatos orais colhidos em Alvinópolis podemos detectar que boa parte da sociedade é mobilizada para a realização da festa, como nos disse a senhora Marilda Maria Moreira, rainha do Congo no ano de 1997.

*“Esta é uma festa com características puramente religiosas, é uma homenagem que prestamos à nossa padroeira Nossa Senhora do Rosário, de quem temos muito respeito, pois ela é Nossa Grande Mãe que nos protege.”*

Na festa, como visto, sempre será latente um caráter de fé e devoção à Nossa Senhora do Rosário, podendo existir algumas modificações que o tempo mesmo se encarrega de proporcionar, mas a real essência que irá prevalecer como prevalece até hoje é a Fé que a grande maioria deposita na padroeira.



Foto: Marilda M. Moreira: Arquivo Pessoal

A participação da comunidade alvinopolense na festa

Na interpretação de variados significados atribuídos ao ritual nascem mudanças tanto na composição da música, no festejo em si ou na tradição trazida pelos negros advindos da África; estas transformações envolvem elementos como as tradições africanas, as referências culturais, na preeminência de um imaginário religioso católico com fortes influências africanas e mais outros fatores que pretendemos identificar e analisar em uma pesquisa mais extensa.

## 6. Considerações finais:

Ao serem retirados de seu ambiente natural, localizado no continente africano, para serem utilizados como mercadoria na América Portuguesa, mais especificamente em Minas Gerais do século XVIII, os negros tiveram sua liberdade perdida e seu sentido de viver roubado, perdendo o seu cotidiano em seu local de origem.

Contudo, não conseguiram roubar suas referências que rememoravam sua cultura antes da travessia pelo Atlântico, construíram um mundo a partir do qual, deram um outro significado às suas vidas, tecendo novas estratégias para seus valores culturais.

Nesse decorrer, os negros conseguiram cavar brechas onde puderam construir parte de seu universo diante do pouquíssimo tempo que eram negociados junto aos seus senhores. A partir de suas festas devocionais, possibilitaram que parte de suas crenças não ficassem presas a tal espaço e serviriam de referência para que pudessem reviver parte de suas vidas cotidianas.

No decorrer deste artigo, esperamos que tenha sido lançado alguns dados para a análise da festa do Congado de Nossa Senhora do Rosário na cidade mineira de Alvinópolis.

Tentamos mostrar as variadas facetas que a história cultural apresenta, imbuída de múltiplas maneiras de se entender a história; descobrimos que falar sobre a história cultural não é o mesmo que falar de cultura popular ou quando citamos apropriação esta se diferencia de dominação essa e a essência em si.

O congado é uma mistura de raças, heranças culturais permanentes e mudanças no seio da cultura nacional, não podendo ser entendido como

herança autêntica, pura e homogenia da cultura africana. Ele não é meramente negro ele se torna híbrido quando da mesclagem de culturas.

A história cultural abre mil possibilidades de utilização do objeto, nos mostrando que, a cada ato existem as mais variadas possibilidades; que os atores que compõe a sociedade são múltiplos e conseqüentemente as possibilidades se tornam diversas.

A cultura é uma construção social conseqüentemente construída pela sociedade. Nada na história é único, ela precisa ter variados alicerces culturais formadores do universo cultural para que se constitua a sociedade brasileira.

O universo cultural está formado pelo mestiço, mulato, negro, branco, índio e pelas suas múltiplas heranças culturais.

Esperamos que este trabalho possa levantar a curiosidade para que surja outros estudos referentes à este fascinante assunto no intuito de continuar contribuindo para desvendar outros tantos mistérios que ainda habitam na mentalidade da população.